

O ENTRECRUZAR DAS MÍDIAS COM OS CONCEITOS ADORNIANOS DE INDÚSTRIA CULTURAL E ESCLARECIMENTO: UM CONVITE À CRITICIDADE

Francisca Francione Vieira de Brito*

Maria Lúcia Pessoa Sampaio**

“Demonizar os meios de comunicação pelo uso tem sido uma postura imediatista e fácil [...]. Contudo, isto não resolve. Porque não serão produtores que hoje dominam os meios de comunicação que não se esforçar para qualificar os receptores de suas mensagens. Uma audiência menos preparada e crítica traz menos problemas ao negócio como um todo: exige menos e se satisfaz com menos. A esperança é a escola. É no processo de formação que a escola deve assumir como motor do conjunto indivíduo-família-sociedade, que está a real chance de produzirmos pessoas conscientes da importância dos meios de comunicação, de como usá-los em benefício delas e de como não se deixar usar [...]. O essencial é que todo o corpo escolar se direcione para ter as mídias não mais como adversárias e sim parceiras no processo de aprendizado.”
(AMORA, 2011, p. 26-27)

RESUMO: As Mídias (ou Meios de Comunicação de Massa) conquistaram espaço ao se mostrar como veículo difuso de informações e de renovação das práticas comunicativas, ganhando evidência que perpassa a contemporaneidade. Discutir o que está nas entrelinhas de sua conjuntura nos possibilita compreender melhor a relação homem-mídia-sociedade. Com este artigo, objetivamos promover uma reflexão acerca dos efeitos socioculturais advindos das Mídias, através da seguinte questão: Sua presença maciça entre nós representa sempre ganho? Em busca da resposta, funda-

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Uern).

** Pós-Doutoramento no Laboratoire d'Etudes Romanes, na Equipe de Linguistique des Langues Romanes na Université Paris 8, France (2010-2011). Membro do GEPPE e GPET, professora do Departamento de Educação, docente permanente do PPGL e coordenadora do PROFLETRAS da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Uern).

mentamo-nos na filosofia de Theodor Adorno & Horkheimer (1985) acerca da Indústria Cultural e do conceito de Esclarecimento, dos preceitos sobre Mídias em Castells (2007), Lévy (1999) e Setton (2010), e de sua ligação com a Educação através de Chauí (2000), Demo (2009), Moran (2012), Morin (2000) e Freire (2005, 2010). Concluímos que, apesar do homem se encontrar num contexto de desenvolvimento industrial tecnológico, ele está atrasado quanto à condição de sujeito esclarecido e emancipado, por deixar-se, muitas vezes, ser submetido à barbárie.

PALAVRAS-CHAVE: Críticidade; Educação; Esclarecimento; Indústria Cultural; Mídias.

Considerações iniciais

A comunicação é uma capacidade intrínseca ao homem. Desde a época das cavernas – com seus grunhidos, gestos e pinturas rupestres – a humanidade demonstra a necessidade de se comunicar. Assim, por natureza, ele é um ser social. Contudo, proporcionalmente à evolução da espécie, a forma de expressão do ser humano sofreu mudanças consideráveis ao longo dos séculos indo além da habilidade da fala, e também da escrita. Elas foram reconfiguradas.

Com os reflexos da Revolução Industrial e das inovações tecnológicas, a partir da metade do século XX, as Mídias (ou meios de Comunicação de Massa) conquistaram espaço ao se mostrar como veículo difuso de informações e meio de renovação das práticas comunicativas. Sua participação ativa na construção sociocultural ganhou evidência que perpassa a contemporaneidade. E, por isso, convém discutirmos a conjuntura dos recursos midiáticos e suas entrelinhas para que possamos melhor compreender a relação da tríade homem-mídia-sociedade.

Sendo assim, o objetivo deste artigo se assenta numa proposta de reflexão acerca dos efeitos socioculturais advindos das Mídias, onde levantamos a seguinte questão: Será que sua presença maciça entre nós representa sempre ganho? Para nos guiar na busca da resposta, faremos uso da filosofia de Theodor Adorno & Horkheimer (1985) acerca da Indústria Cultural e do conceito de Esclarecimento, dos preceitos sobre Mídias em Castells (2007), Lévy (1999) e Setton (2010), e de sua ligação com a Educação através dos fundamentos de Chauí (2000), Demo (2009), Moran (2012), Morin (2000) e Freire (2005, 2010).

Esperamos, com este, dar nossa contribuição ao meio acadêmico-educacional e suscitar outros debates sobre a presença, cada vez mais forte, das mídias em nossa vida cotidiana atentando para as ideologias subjacentes em suas entrelinhas.

1. As mídias: bênçãos que caíram do céu?!

Vivemos arraigados a um constante processo de mutações. O que antes era visto comumente, hoje não se vê mais ou, pelo menos, não do mesmo modo. Com o passar do tempo, até as formas de comunicação do indivíduo ganharam outros moldes. Nossa aldeia global se transformou com o progresso tecnológico das últimas décadas e a expressão da linguagem agora conta com equipamentos da mídia capazes de reunir palavra falada/escrita a um código imagético para efeito comunicativo.

No entanto, isso não quer dizer, que os recursos midiáticos hoje disponíveis na nossa sociedade surgiram de repente trazendo mirabolantes mudanças. Não! Eles não nasceram do nada. Também no passado da humanidade outras tecnologias impuseram suas transformações, como é o caso do pergaminho que serviu nos primórdios como ferramenta de registro escrito. Assim, a evolução dos meios de comunicação está diretamente associada à evolução da espécie humana, cada um com o sucesso em seu tempo, conforme suas especificidades constitutivas. Citamos como exemplo, a “cultura da virtualidade do real”¹ (CASTELLS, 2007) – oriunda do fortalecimento das Mídias aliado à economia globalizada – que trouxe a integração da comunicação eletrônica a redes interativas.

Contudo, antes de adentrarmos nas discussões é preciso detalhar o que são Mídias, ressaltando a abrangência de seu conceito. Vejamos:

[...] se refere aos meios de comunicação massivos dedicados, em geral, ao entretenimento, lazer e informação – rádio, televisão, jornal, revista, livro, fotografia e cinema. Além disso, engloba as mercadorias culturais com a divulgação de produtos e imagens e os

¹ Essa nova cultura foi chamada por Pierry Lévy (1999, p. 92) de “cibercultura” ao considerá-la como o conjunto de atitudes, valores, práticas e modos de pensamento que se desenvolvem a partir da interconexão mundial dos computadores – Internet.

meios eletrônicos de comunicação, ou seja, jogos eletrônicos, celulares, DVDs, CDs, TV a cabo ou via satélite e, por último, os sistemas que agrupam a informática, a TV e as telecomunicações – computadores e redes de comunicação. (SETTON, 2010, p. 14)

Sendo assim, basta conhecer um pouco destes veículos de informação e observar, mais cautelosamente, nosso entorno para perceber o grande poder de influência das Mídias (ou meios de massa) na formação da opinião das pessoas, na aquisição de atitudes e comportamentos. Nesta perspectiva, para Setton (2010) as Mídias são matrizes de cultura que, “ajudam-nos, juntamente com valores produzidos e reconhecidos pela família, pela escola e pelo trabalho, a nos constituir enquanto sujeitos, indivíduos e cidadãos, com personalidade, vontade e subjetividade distintas.” Trata-se de uma produção mercadológica de caráter cultural².

Segundo a referida autora, a compreensão das Mídias, pressupõe uma aproximação com as noções de cultura e socialização, por sua vez, atreladas à educação. Cultura entendida como “produto” da atividade material e simbólica dos humanos, proveniente da sua capacidade de criação de significados e do seu potencial de comunicação-interação. Socialização, por sua vez, vista como “processo” educativo a partir da transmissão, negociação e apropriação de conhecimentos por todos nós. Em outras palavras: Compreender a cultura midiática implica melhor entender a sociedade na qual estamos inseridos, seus conflitos, interesses e devaneios.

Mídias – como agentes de comunicação que são – transmitem mensagens influenciadoras para a formação das identidades de todos, podendo contribuir, com sua carga informativa, tanto para o bem como para o mal ao propor e/ou impor significados. Faz-se necessário, pois, analisar de forma mais aguçada a veiculação da linguagem midiática, visto que, em suas entrelinhas existe uma carga ideológica que pode tornar-se, como aponta Setton (2010, p. 26), “um instrumento de poder” capaz de governar nossas vidas.

² Retomaremos essa noção no próximo tópico com o conceito adorniano de Indústria Cultural.

A esse respeito, Setton (2010, p. 18) afirma que: “conceber ideologia num contexto de comunicação massiva é detectar e analisar se o sentido construído e usado pelas formas simbólicas serve ou não para manter relações de poder sistematicamente assimétricas”. E acrescenta: “estudar a ideologia dos bens culturais midiáticos é explicitar a conexão entre o sentido/significado mobilizado pelas mensagens midiáticas e as relações de dominação que esse sentido mantém”. Deste modo, nossas práticas e condutas sociais podem ser moldadas por normas prescritas pelas matrizes de cultura, ou seja, pelas Mídias.

Tais circunstâncias não quer dizer que os indivíduos consumidores dos produtos das Mídias sejam totalmente passivos. A responsabilidade de quem hoje está recebendo esses produtos é ainda maior com a revolução provocada pelos novos meios de comunicação que estão surgindo, devido ao fato de que é “inerente à sua constituição a capacidade de interação entre o produtor de conteúdo e o público a quem este destina suas mensagens”, afirma Amora (2011, p. 21). Sobre isto, ele exemplifica:

Como hoje acontece com os produtos de comunicação produzidos para o meio de comunicação Internet – *sites* e *blogs* são os melhores exemplos – a participação de quem recebe a mensagem é elemento constituidor da própria mensagem. Não há sentido no *post* de um *blog* sem que ele tenha espaço para comentários dos leitores daquele *blog*, que poderão gerar outro *post* e assim sucessivamente [...]. (AMORA, 2011, p. 21)

Subjaz, pois, na suposta participação do indivíduo, sua interpretação dos conteúdos das mensagens a partir de uma bagagem de valores apreendidos em outras instâncias socializadoras. Entretanto, para que esta intervenção do sujeito social ocorra é preciso que o mesmo esteja ciente de dois pontos importantes: saiba quem regula a cultura midiática e sua produção de sentidos, bem como detenha um conhecimento crítico que lhe capacite para tal ação.

Sobre estes aspectos discorreremos a seguir utilizando-nos da crítica aos meios de comunicação através dos conceitos de Indústria Cultural e Esclarecimento, atribuídos pelo filósofo Theodor Adorno & Max Horkheimer (1985) da Escola de Frankfurt.

2. Indústria cultural: a sombra que nos persegue

A cultura das mídias (ou cultura de massas) remete a uma realização histórica, que emergiu no início dos anos 30, nascida como produto da industrialização e interesse dos donos dos meios de comunicação inseridos numa sociedade capitalista; esta, ligada a uma nova ordem política e econômica da modernidade. Posteriormente, a denominação “cultura de massa” foi criticada por mistificar uma ideologia de democratização da cultura; e com a publicação da obra *Dialética do Esclarecimento* (1947), escrita por Theodor Adorno em colaboração com Max Horkheimer, foi atribuído o termo “Indústria Cultural” para fazer menção a uma indústria de controle da sociedade através de uma visão de mundo ideológica regida pelos anseios dos capitalistas, donos da racionalidade tecnológica,

De acordo com Setton (2010), Adorno e Horkheimer denunciavam que o fenômeno da Indústria Cultural estaria regredindo o homem comum ao seu estado incivilizado; e, profundamente críticos, eles acrescentavam que “essa nova forma de fabricar cultura é um engodo que tem como princípio a dominação e manipulação. Um controle ideológico mais sofisticado, pois se esconde no véu do progresso técnico e do entretenimento” (SETTON, 2010, p. 43). Assim, para a concepção Adorniana, na Indústria Cultural tudo se transforma em produto mercadológico que visa obter lucros através de sujeitos consumidores – considerados objetos, como veremos abaixo:

A indústria só se interessa pelos homens como clientes e empregados e, de fato, reduziu a humanidade inteira, bem como cada um de seus elementos, a essa fórmula exaustiva. Conforme o aspecto determinante em cada caso, a ideologia dá ênfase ao planejamento ou ao acaso, à técnica ou à vida, à civilização ou à natureza. Enquanto empregados, eles são lembrados da organização racional e exortados a se inserir nela com bom senso. Enquanto clientes, verão o cinema e a imprensa demonstrar-lhes, com base em acontecimentos da vida privada das pessoas, a liberdade de escolha, que é

o encanto do incompreendido. Objetos é que continuarão a ser em ambos os casos. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 121)

Em consonância, Medrano & Valentim (2001, p. 69) afirmam que “nas relações de troca de mercadorias a que são reduzidas todas as relações sociais, o produto cultural perde seu brilho, sua unicidade, sua especificidade de valor de uso. Quando se transforma em um valor de troca, dissolve a verdadeira arte ou cultura.” Desta maneira, a Indústria Cultural não é instrumento de sublimação e sim, repressão, como sugerem Adorno & Horkheimer (1985, p.115). Ela “estabelece uma espécie de comércio fraudulento, que promete a satisfação das vontades, mas na verdade as frustra, num tipo de jogo perverso de oferecimento e privação”, complementa Silva (2009).

É importante ressaltar que, a televisão – principal instrumento dos meios de massa – foi amplamente debatida por Adorno. A meta dele era mostrar a televisão comercial como um produto do antiespírito objetivo que pretende induzir o comportamento do espectador, fazendo-o perder a capacidade de espanto e indignação diante de acontecimentos sociais banalizados e forças históricas consideradas “naturais”. Nesta perspectiva, Franco (2008, p. 120) enfatiza: “A televisão, enquanto meio tecnológico enredado na indústria cultural, incessantemente lança sobre o espectador mensagens abertas e encobertas.” Temos assentada, nesta conjuntura, a chave da Cultura das Mídias em geral: o disfarce da sua real ideologia via possibilidade de diversão e satisfação.

Observemos a colocação de Adorno & Horkheimer (1985, p. 119) neste sentido:

Mas a afinidade original entre os negócios e a diversão mostra-se em seu próprio sentido: a apologia da sociedade. Divertir-se significa estar de acordo. Isso só é possível se isso se isola do processo social em seu todo, se idiotiza e abandona desde o início a pretensão inescapável de toda obra, mesmo da mais insignificante, de refletir em sua limitação o todo. Divertir significa sempre: não ter que pensar nisso, esquecer o sofrimento até mesmo onde ele é mostrado. A impotência é a sua própria base.

Posto isso, podemos perceber que o produto reproduzido pela televisão (ou Indústria Cultural em geral) tem o poder de “cegar” os homens oferecendo-lhes a oportunidade de um bem-estar disfarçado para que não vejam a irracionalidade do capitalismo. Cumpre assim, sua missão de seduzir as massas para o consumo, tornando o sujeito social acrílico. É a onipotência de um sobre a fraqueza do outro.

Contudo, não podemos deixar de mencionar ainda, a respeito da mídia televisiva, que Adorno (2006, p. 76-78) não é contra a mesma, mas apenas critica o seu uso em grande escala para propagar ideologias de forma equivocada objetivando manipular a consciência dos espectadores. Para ele, a televisão tem um enorme potencial formativo no sentido de divulgar informações de esclarecimento, de cumprir objetivos educacionais como transmissão discutível e não simplesmente como repasse de fatos. Mas como nosso propósito aqui é discutir a filosofia da Indústria Cultural, retomaremos este tópico buscando sintetizar o até então exposto sobre, fazendo uso das palavras de Chauí (2000, p. 330-333):

A indústria cultural vende Cultura. Para vendê-la, deve seduzir e agradar o consumidor. Para seduzi-lo e agradá-lo, não pode chocá-lo, provocá-lo, fazê-lo pensar, fazê-lo ter informações novas que perturbem, mas deve devolver-lhe, com nova aparência, o que ele sabe, já viu, já fez. A ‘mídia’ é o senso-comum cristalizado que a indústria cultural devolve com cara de coisa nova [...]. Dessa maneira, um conjunto de programas e publicações que poderiam ter verdadeiro significado cultural tornam-se o contrário da Cultura e de sua democratização, pois se dirigem a um público transformado em massa inculca, infantil, desinformada e passiva.

É justamente nesta “aculturação” que se assenta a crítica de Adorno & Horkheimer (1985). Como explicita Setton (2010, p. 45), eles compreendem a cultura como espaço de criação, reflexão, emancipação, crítica e transformação da humanidade onde a produção do conhecimento se reflete e vai além.

2.1 – A internet para Adorno

Cabe aqui abriremos um parêntese quanto algumas especificidades da sociedade em rede – denominada de Cibercultura por Lévy (1999) – e sua interferência nos comportamentos humanos em correlação com os pressupostos Adornianos da Indústria Cultural, visto que temos agora um “novo” suporte midiático de abrangência ainda maior pelo seu imediatismo, mas que, todavia, conserva alguns aspectos criticados pelos membros da Escola de Frankfurt.

Frente a isso, firmados nos apontamentos de Durão (2008) *apud* Silva (2009), destacam-se três condutores distintos deste objeto (internet), mas que coexistem com o conceito de Adorno, sendo:

- 1) a ideia ilusória de liberdade concreta na internet – também levantada por Demo (2009) – quando, na verdade, provoca o aumento de desigualdades sociais ao elevar a produtividade do trabalho. Com a internet, o tempo diante do computador pode ser comparado com o do operário perante a máquina no começo da industrialização;
- 2) a potencialidade utópica da informatização e da conectividade como espaço de ação política e de mobilização crítica;
- 3) as forças de produção subjacentes ao entorno histórico-transformacional de regulamentação da internet, onde se chocam forma de obtenção de lucro com as tentativas de resistências ao sistema em rede.

Outros aspectos negativos ligados à internet ainda poderiam ser correlacionados à teoria de Adorno, como: os danos psíquicos gerados pelo isolamento; a dependência provocada pelo vício do uso; a banalização dos conteúdos, etc. É preciso que vejamos, na mesma medida, diferenças e semelhanças entre a internet e os meios de comunicação existentes na época de Adorno.

O que se pode apreender, pois, perante o já dito acerca da internet é que a lógica de dominação e interesses dos envolvidos com a Indústria Cultural permeia o mundo virtual, apesar do avanço tecnológico que a constitui.

3. Esclarecimento e seu poder emancipatório

A necessidade da compreensão humana sobre a natureza das coisas circundantes persegue o homem desde tempos remotos inculcando-lhe autonomia sociopolítica; já dizia a máxima popular: “saber é poder”. Assim, embora a sociedade capitalista na qual estamos inseridos, traga em seu cerne a dinâmica mercantilista de pressão do indivíduo, este, reificado e condenado à claustrofobia de um “mundo administrado” (ADORNO, 2006), o conceito de Esclarecimento defendido por Theodor Adorno se faz presente, configurando-se como norteador contra o assujeitamento da civilização.

Neste sentido, a sociedade atual, deve ser impulsionada pela busca da superação do processo de dominação burguesa e condicionada pelo esclarecimento como ferramenta viável para o progresso do pensamento individual. Para Adorno (2006) não temos o direito de modelar as pessoas, de manipular consciências, de submeter indivíduos a interesses particulares como prega a sistemática da indústria cultural através dos meios tecnológicos de comunicação. Transmitir informações carregadas de teor ideológico não leva o homem a uma consciência crítica social, mas à condição de “marionete” do capitalismo vigente.

Assim, nas relações sociais o poder é elemento decisivo para a experiência formativa humana, uma vez que seus reflexos vão além de forças economicamente produtivas perpassando a subjetividade dos seres na perseguição de uma sociedade democrática onde os sujeitos são racionais e livres. E, detém o “poder” quem tem “conhecimento”! Conforme explicitam Adorno & Horkheimer (1985. p.20), esses são termos que passaram a ser sinônimos na constituição de homens emancipados. Nesta perspectiva, vejamos:

O esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal. [...] a superioridade do homem está no saber, disso não há dúvida. Nele muitas coisas estão guardadas que os reis, com todos os seus tesouros, não podem comprar, sobre as quais sua vontade não impera, das quais seus espias e informantes nenhuma notícia trazem, e que provêm de países que seus navegantes e des-

cobridores não podem alcançar. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 17)

Esta ideia de emancipação através do esclarecimento defendida pelo filósofo contemporâneo Theodor Adorno resgata a proposta kantiana do Movimento Iluminista onde autonomia e conhecimento andam juntos em prol da emersão dos sujeitos sobre a ignorância. Trata-se da superioridade e libertação do homem pelo saber. Contudo, Adorno & Horkheimer (1985) procuram estender o conceito tradicional de esclarecimento fazendo uma crítica a sua relação com as possibilidades científicas como solução de todos os problemas. Rondam, pois, este contexto, noções como dominação, consciência coisificada, fetichismo da técnica, barbárie, conduzindo o homem à condição de objeto manipulado, ser irracional e patogênico (VIANA, 2005), dependente de forças sociopolíticas.

Temos aí, o aspecto contraditório do Iluminismo: “ao mesmo tempo em que a racionalidade proclama uma sociedade emancipada, cria também estruturas de dominação e de impedimento da própria emancipação” (AMBROSINI, 2012, p.48). Nisto se constitui a barbárie; uma “semiformação” através da subjetividade ameaçada por forças anônimas da indústria cultural. Dito de outro modo o próprio Adorno nos coloca:

Entendo por barbárie algo muito simples, ou seja, que, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização — e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas por [...] um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda esta civilização venha a explodir, alias uma tendência imanente que a caracteriza. Considero tão urgente impedir isto que eu reordenaria todos os outros objetivos educacionais por esta prioridade. (ADORNO, 2006, p. 154)

Eis, o foco da crítica de Adorno na *Dialética do Esclarecimento*: evitar a barbárie e permitir ao homem a emancipação via conhecimento. Destarte, a ideia de que vivemos numa época de esclarecimentos é questionável frente à pressão exercida sobre as pessoas

por esta própria organização mundial. Assenta-se neste entorno uma contradição social, uma vez que a sistemática social em na qual nos encontramos continua sendo heterônomia, ou seja: na sociedade atual nenhuma pessoa pode existir de acordo com suas próprias determinações realmente, pois temos instituições interventoras que incidem na consciência humana.

Portanto, Adorno (2006, p. 180) sugere que, se não quisermos atribuir ao termo “emancipação” um sentido vazio, é necessário considerar as enormes dificuldades que se opõem a mesma na conjuntura deste mundo. Ela deve ser tomada não como categoria estática e sim dinâmica, conseqüente, como um vir a ser. “O problema propriamente dito da emancipação hoje é se e como a gente – e quem é ‘a gente’, eis uma grande questão a mais – pode enfrentá-lo”, complementa ele.

Frente ao já dito sobre esta decadente realidade da sociedade contemporânea, expomos a seguinte questão levantada por Ribeiro & Martins (2010, p. 5) quanto ao esclarecimento que o homem busca de fato: será que é o esclarecimento para libertação ou autodestruição? Dependendo da escolha, a humanidade pode ser emancipada ou escravizada, porque na perspectiva da Teoria Crítica Adorniana, o indivíduo deve ser visto não como entidade isolada, mas como um ser social (Viana, 2005). Aí reside a essência do Esclarecimento quanto poder emancipatório, o qual é possível mediante processo educacional reflexivo.

4. Um convite à criticidade

Na conjuntura atual em que estamos inseridos é comum o elo ciência-tecnologia-educação ser visto por muitos como passaporte do mundo moderno para a “evolução” humana. Contudo, essa ligação não necessariamente representa transformação positiva para a vida do homem em sociedade, pois nem sempre o torna um sujeito “emancipado”. Faz-se necessária uma criticidade permanente diante dos fatos histórico-sociais, uma vez que o avanço tecnológico traz em seu bojo artifícios da Indústria Cultural que se refletem dentro da própria Educação – suposto lugar de Esclarecimento.

Isto quer dizer que a educação pode ser presa do condicionamento social daqueles que detém o poder de manipulação – denominados por Ribeiro & Martins (2010) de “assassinos de gabinete” e “ideológicos”, tornando-se meio de perpetuação da barbárie e não de libertação. Temos neste caso, a “escola de massa” onde os alunos se configuram como clientes e a educação se transforma num bem comercializado, provocando um efeito colateral de deformação da consciência do indivíduo. O ideal de instância legitimadora da produção de autonomia do pensamento crítico para o bem comum da coletividade está deixando de existir.

Adorno (2006, p. 40) defende uma concepção de educação com atuação diferente: “não a assim chamada modelagem de pessoas, [...] não a mera transmissão de conhecimentos, cuja característica de coisa morta já foi mais do que destacada, mas a produção de uma consciência verdadeira”. Temos observado configurar-se entre nós – através da sociedade burguesa – a imposição ao homem de um mundo desumanizado. É preciso resistência para a superação da barbárie, pois o indivíduo só se emancipa quando se liberta do imediatismo de relações sociais de controle, assim como, uma democracia efetiva só é possível enquanto sociedade de quem é emancipado.

A esse respeito, a Crítica Adorniana nos diz:

Mas não se deve esquecer que a chave da transformação decisiva reside na sociedade e em sua relação com a escola. Contudo, [...] enquanto a sociedade gerar a barbárie a partir de si mesma, a escola tem apenas condições mínimas de resistir a isto. Mas se a barbárie, a terrível sombra sobre a nossa existência, é justamente o contrário da formação cultural, então a desbarbarização das pessoas individualmente é muito importante. A desbarbarização da humanidade é o pressuposto imediato da sobrevivência. Este deve ser o objetivo da escola, por mais restritos que sejam seu alcance e suas possibilidades. (ADORNO, 2006, p. 115-116)

Em concordância com esta visão defendida por Theodor Adorno de emancipação da sociedade pela humanização e processo educacional, se encontram também os preceitos filosóficos de Freire (2005, 2010) e Morin (2000). Para Freire (2005) a emancipação

ganha conotação de humanização via práxis pedagógica, onde o conhecimento incide na capacidade de decisão do indivíduo e na sua essência moral, de modo que razão e liberdade não se dissociam na constituição do ser humano. Sendo assim, aquele educador que apenas ensina conteúdos está “formando” indivíduos para serem submissos a sujeitos superiores. De acordo com Freire (2010), educar é formar a faculdade moral e cognitiva de sujeitos historicamente construídos, cuja perspectiva vai além de uma proposta filosófica, social ou crítica.

Morin (2000), por sua vez, também faz uma alerta para uma educação voltada para a lucidez e racionalidade aberta com a sua Teoria da Complexidade. Ele critica a discordância entre o saber fragmentado e compreensão da realidade complexa, levando o homem à condição de assujeitamento.

Portanto, como pudemos perceber, há um entrecruzar no pensamento desses estudiosos com a Teoria Crítica de Adorno sobre a emancipação humana que nos convida a refletir, criticamente, sobre a problematização da função social da Educação perante os efeitos culturais propagados pelas Mídias.

Considerações finais

Apesar do homem se encontrar num contexto de desenvolvimento industrial tecnológico onde as Mídias ganham destaque em nossas relações diárias, ele se encontra atrasado. Isso porque os meios de comunicação de massa circundantes são frutos de uma Indústria Cultural que compromete o Esclarecimento para a Emancipação da Humanidade, podendo condicioná-lo à barbárie. E, segundo Adorno, para que esta não se repita é preciso uma mudança de paradigma filosófico, político e econômico que promova uma “educação emancipatória”. Caso contrário, continuaremos vivendo sob dominação e ainda, pensando ser normal isso.

Destarte, a tríade mídias – indústria cultural – esclarecimento nos exige uma reflexão que, inevitavelmente, nos encaminha para o seio da construção do saber: a Educação, onde esta deve atuar firmada sempre numa práxis pedagógica para a construção do

conhecimento. Divinizar nem demonizar, ignorar nem abolir a produção tecnicista e industrial disponível, mas saber usá-la sem se deixar usar. Ou seja: ter autonomia e criticidade para evitar a repressão midiática, de maneira que a formação de sujeitos emancipados seja permeada pela prática educacional culminando na concretização de uma sociedade verdadeiramente democrática.

Logo, na concepção de Adorno, a educação passa por uma relação dialética. “Hoje estamos num processo de questionar mais, de pesquisar mais, de desestruturar mais, para encontrar um outro patamar de organização e de equilibração”, como explicita Moran (2012, p. 48). Na perspectiva das novas tecnologias, pressões e oportunidades na sociedade atual importa, sobretudo, o sentido de educação dirigida a uma auto-reflexão crítica, do e para o sujeito como ser social autônomo.

EL ENTRECRUZAMIENTO DE LOS MEDIOS CON LOS CONCEPTOS DE ADORNO DE INDUSTRIA CULTURAL Y ACLARACIÓN: UNA INVITACIÓN A LA CRITICIDAD

RESUMEN: Los medios de comunicación (o la comunicación en masa) ganó terreno al presentarse cómo vehículo difuso de información y renovación de las prácticas comunicativas, ganando evidencia que impregna el contemporáneo. Discutir lo que está entre las líneas de su situación nos permite comprender mejor la relación entre hombre-medios de comunicación-sociedad. Con este artículo, nuestro objetivo es promover una reflexión sobre los efectos socioculturales que surgen de los medios de comunicación, a través de la siguiente pregunta: ¿Su masiva presencia entre nosotros es siempre ganar? En busca de la respuesta, fundamentada en la filosofía de Theodor Adorno y Horkheimer (1985) sobre la Industria Cultural y el concepto de la Esclarecimiento, de los preceptos de los Medios de comunicación en Castells (2007), Levy (1999) y Setton (2010), y su relación con la Educación a través Chauí (2000) Demo (2009), Moran (2012), Morin (2000) y Freire (2005, 2010). Llegamos a la conclusión de que, aunque el hombre se encuentra en un contexto de desarrollo industrial tecnológico, que es está retrasado en la posición de sujeto aclarado y emancipado, por dejarse, menudo, ser sometido a la barbarie.

PALABRAS CLAVE: Criticidad; Educación, Esclarecimiento; Industria cultural, los Medios de comunicación.

Referências

ADORNO, T. W. *Educação e emancipação*. Tradução de Wolfgang Leo Maar. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

ADORNO, T.W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

AMORA, D. Professor, você está preparado para ser dono de um meio de comunicação de massa?. In: FREIRE, W. (Org.) & [et. al.]. *Tecnologia e educação*: as mídias na prática docente. 2 ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2011, p. 15 a 30.

AMBROSINI, T. F. *Educação e emancipação humana*: uma fundamentação filosófica. Thaumazein, Ano V, Número 09. Santa Maria. Junho de 2012, p. 40-56. Disponível em: http://sites.unifra.br/Portals/1/Ambrosini_04.pdf acesso: abril/2013.

CASTELLS, M. *Sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

CHAUÍ, M. *Filosofia*. 7. ed., São Paulo: Ática, 2000. p. 330-333.)

DEMO, P. *Educação hoje*: “novas” tecnologias, pressões e oportunidades. São Paulo: Atlas, 2009.

FRANCO, R. A televisão segundo Adorno: o planejamento industrial do “espírito objetivo”. In: DURÃO, F. A.; ZUIN, A.; VAZ, A. F. (Orgs.). *A indústria cultural hoje*. São Paulo: Boitempo, 2008, p. 111 a 122.

LÉVY, P. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999, p.264. (Coleção TRANS).

MEDRANO, E. M. O.; VALENTIM, L. M. S. *A indústria cultural invade a escola brasileira*. Cadernos Cedes, ano XXI, nº 54, agosto/2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v21n54/5270.pdf> acesso: maio/2013.

MORAN, J. M.. *A educação que desejamos*: novos desafios e como chegar lá. 5. ed., Campinas, SP: Papirus, 2012.

MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Tradução Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaua; revisão técnica Edgard de Assis Carvalho. 2. ed., São Paulo: Cortez, 2000.

RIBEIRO, R. S.; MARTINS, A. P. S. *Emancipação: do esclarecimento à educação em Adorno*. 2010. Disponível em: http://www.nucleohumanidades.ufma.br/pastas/CHR/2010_1/7.%20EMANCIPA%C3%87%C3%83O%20DO%20ESCLARECIMENTO%20%C3%80%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20EM%20ADORNO.pdf. Acesso: maio/2013.

SETTON, M. da G.. *Mídia e educação*. São Paulo: Contexto, 2010.

SILVA, S. A. Adorno, a indústria cultural e a internet. *Revista Filosofia*. N. 20, 2009. Disponível em: <http://filosofia.uol.com.br/filosofia/ideologia-sabedoria/20/artigo151970-3.asp> acesso: fevereiro/2013.

VIANA, N. *Adorno: Educação e emancipação*. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação, Brasília-DF, v. 02, n. 04, 2005. Disponível em: <http://seer.bce.unb.br/index.php/resafe/article/view/5478/4585> acesso: abril/2013.

*Recebido em 30/07/2013.
Aprovado em 08/12/2013.*